

## **XLVIII – Que soluções para um futuro mais pacífico?**

***Diamantino Lourenço Rodrigues de Bártolo<sup>1</sup>***

**RESUMO:** O século XX assistiu à criação e desenvolvimento da ciência e da técnica, através da investigação e da tecnologia, aplicadas em todas as áreas da existência humana, inclusivamente e com grande destaque para a medicina, engenharias e biotecnologia, entre outros grandes domínios do conhecimento. Numa atitude positiva e optimista, pode-se aceitar que o balanço é, apesar de tudo, favorável, no sentido em que havendo vontade, educação, formação e humildade, se poder ter aprendido com os erros cometidos, evitando-se no futuro repeti-los e iniciando-se uma caminhada com objectivos altruístas, consentâneos com a vida e dignidade humanas. Educar e formar os cidadãos, qualquer que seja a idade e estatuto, para desenvolverem hábitos de relações humanas sadias, sinceras e leais, é uma tarefa que se impõe lançar nas famílias, nas escolas, nas Igrejas, nas demais instituições, nas associações e empresas, em todas as comunidades e na sociedade global em geral, porque qualquer processo que vise reconciliar pessoas, instituições e nações, só poderá concluir-se com êxito, se os intervenientes souberem relacionar-se de igual para igual. Nem só de ciência, de técnica e de recursos materiais vive o homem. Ao invocar-se a dimensão religiosa da pessoa humana, pretende-se sensibilizar cada um e todos, para a doutrina social das diversas religiões, excluindo-se, portanto, os fundamentalismos dogmáticos, os radicalismos mais sectários e as posições exacerbadas, aliás, estes excessos de algumas correntes também precisam da ajuda dos moderados, e estes têm o dever, não só de compreender tais posições extremadas como, e principalmente, proporcionar as condições que conduzam ao diálogo, ao bom-senso e à pacificação entre os grupos desavindos.

**Palavras-Chave:** Educação; Formação; Cidadania; Virtude; Deus.

**Área:** Política

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia (Universidade Católica Portuguesa); Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea (Universidade do Minho – Braga – Portugal e pela Unicamp – Universidade Estadual de Campinas – Brasil); Doutorado em Filosofia Social e Política (FATECB – Faculdade Teológica e Cultural da Bahia – Brasil). Ex-Professor de Antropologia Cultural; Cultura e Pensamento Contemporâneos; Relações Públicas; Projetos e Tecnologias Educativas; Comunicação e Relacionamento Interpessoal; Formação e Desenvolvimento Profissional; Gestão e Concepção da Formação; Políticas Sociais (Ensino Superior – ISPGaya); Formador de Ética e Deontologia; Cidadania, Integração; Desenvolvimento Pessoal e Social; Português; etc.

## INTRODUÇÃO

O tema apresentado em título interrogativo pode suscitar alguma polémica, desde logo porque o futuro não é uma realidade que a ciência e a técnica possam garantir a partir de resultados objectivos, testados, repetíveis e reversíveis e, por outro lado, igualmente complexo, quando se pretende abordar as condições necessárias e suficientes para se assegurar a existência de um futuro mais pacífico, mesmo que não se considere o relativismo do termo pacífico, porque o que para uns é pacífico, para outros pode ser conflituoso, ou, no mínimo, algo polémico.

Ainda assim, correndo, embora, os riscos inerentes a quem ousa abordar um tema tão preocupantemente e actual, o contributo dos cidadãos e das instituições é importante, apesar de uma posição mais teológica defender que o "futuro a Deus pertence", o homem real e profano ter o dever de se envolver, com os recursos de que dispõe, na construção de um futuro mais pacífico, mais afectivista, mais humanista, pelo menos, para as gerações que agora estão a tomar contacto com realidades tão difíceis e desafiadoras.

E se reflectir sobre o passado é um exercício fundamental, para a partir do presente, que é efêmero, se projectar o futuro, que é incerto, não menos importante é viver cada momento actual à luz das experiências e dos conhecimentos adquiridos, melhorando-os, adaptando-os e, simultaneamente, evitar os erros cometidos, o que também é um bom processo de aprendizagem.

Organizações e indivíduos, no exercício das inúmeras funções, na luta por alcançar objectivos previamente fixados, naturalmente que cometem muitos erros: uns, involuntariamente; outros, por obstinação e resistência à mudança; outros, ainda, com intencionalidade e espírito inconfessáveis. Quaisquer que sejam os erros e as circunstâncias em que foram cometidos, devem-se tirar as devidas consequências e com eles aprender e, então, exercer novas atitudes, boas práticas, designadamente, no relacionamento humano, a todos os níveis da existência.

É provável que uma parte significativa dos conflitos que chegam aos tribunais ou aos campos de guerra possa ser solucionada através de acordos prévios, consensos e cedências recíprocas, desde que as pessoas estejam preparadas e disponíveis para o exercício de uma nova pedagogia (não cognitiva) e de uma nova justiça (não punitiva), justamente através de um relacionamento leal, responsabilmente crítico e generosamente tolerante.

Os conflitos solucionados pelos mecanismos do bom-senso, da compreensão e tolerância, materializados em acordos justos e dignificantes para as partes, não deixam sequelas tão profundas e duradouras, como aquelas que resultam da intervenção coerciva do poder judicial e/ou bélico. A resolução dos conflitos numa base igualitária do tipo "ganha/ganha" poderá ser a pedagogia que no futuro torne o relacionamento humano mais pacífico e genuíno.

## **1. EDUCAÇÃO-FORMAÇÃO: ESTRATÉGIA POSSÍVEL PARA A PACIFICAÇÃO DO MUNDO**

Afirma-se que o século XX ficará na história da humanidade como um dos mais violentos, em que a força de armas poderosíssimas se impôs à fragilidade do diálogo democrático, fraterno e solidário. Período de tempo que a humanidade viveu sob regimes ditatoriais ferozes, durante os quais se cometeram as mais irracionais barbaridades; em que os mais elementares direitos e valores humanos não foram respeitados: o direito à vida e o valor dignidade humana; tempo que viu crescer a miséria, a exclusão a todos os níveis, a fome, a doença, a guerra, a destruição e a morte.

O quadro negativo e pessimista, defendido por muitos, conforme acima sumariamente descrito, naturalmente que corresponde a uma realidade que passou para o actual século XXI, independentemente do grau de gravidade e da maior ou menor extensão que se pretende atribuir.

Mas aquela realidade, mesmo que levada ao máximo dramatismo, também foi acompanhada por um progresso material, científico e técnico, jamais verificado noutras épocas, excluindo-se, eventualmente, os grandes feitos histórico-culturais dos períodos áureos da expansão de certas nações, (obviamente, Portugal na segunda metade do século XV até o início do século XVI, é um caso exemplar).

Com efeito, o século XX assistiu à criação e desenvolvimento da ciência e da técnica, através da investigação e da tecnologia, aplicadas em todas as áreas da existência humana, inclusivamente e com grande destaque para a medicina, engenharias e biotecnologia, entre outros grandes domínios do conhecimento.

Numa atitude positiva e optimista, pode-se aceitar que o balanço é, apesar de tudo, favorável, no sentido em que havendo vontade, educação, formação e humildade, se poder ter aprendido com os erros cometidos, evitando-se, no futuro, repeti-los e iniciando-se uma caminhada com objectivos altruístas, consentâneos com a vida e dignidade humanas.

Cientistas, investigadores, académicos, políticos, técnicos sociais e todo um mundo de estudiosos, elaboram e tentam aplicar as suas teses em contextos reais de vida, com resultados, por enquanto, insatisfatórios, no domínio da pacificação da humanidade, o que comprova a complexidade da organização social humana e as dificuldades em se atingir objectivos próprios de um mundo mais pacífico.

Todos aqueles intervenientes, seguramente, têm procurado estabelecer uma fórmula, construir paradigmas, desenhar cenários, implementar regras, todavia, é possível, para já, admitir que a fórmula perfeita, mágica e solucionadora, para se aplicar à conflitualidade mundial, é difícil de encontrar e, tanto mais difícil, quanto os dirigentes mundiais não colaborarem.

Reconhecendo-se a autoinsuficiência para solucionar as situações conflituosas, ou para contribuir para um mundo mais pacífico, tal circunstância não invalida, pelo contrário, estimula para o dever de dar um singelo contributo para a minimização de tão grave problema e, nesse sentido, se aponta e defende uma estratégia assente na educação-formação das pessoas, do berço ao túmulo.

Ao longo de toda a vida:

A educação permanente, a de todos os momentos da vida, dinamismo pelo qual cada pessoa, independentemente da idade, poderá preparar o futuro de uma forma competente, não se situa, exclusivamente fora da escola. Diante das mudanças próprias do mundo em contínua evolução, faz-se necessária uma concepção global do processo educativo; precisamos abarcar todas as idades, todos os níveis e sectores da educação (BONBOIR, 1977, p. 16).

A aposta maciça aponta, portanto, para a educação-formação, não apenas ao nível dos conhecimentos cognitivos, mas também através de uma pedagogia não cognitiva, uma pedagogia que leve para o teatro da vida real a aplicação dos saberes adquiridos e a assimilação de novas práticas. Uma conjugação dos conhecimentos apreendidos pela via clássica e a experiência vivenciada no terreno.

Casamento adequado entre teoria e prática, através de uma educação-formação ao longo da vida, poderá ser, ainda que mais uma, a fórmula que ajudará a encontrar algum equilíbrio num mundo em permanente e, por vezes, violentas mutações.

Talvez não se esteja a afirmar nada de novo, mas, certamente, que nunca é demais insistir nesta estratégia, quanto mais não seja, para sensibilizar as gerações actuais, mais novas e inexperientes, porque da sua preparação dependerá o futuro que vão viver e oferecer aos seus pais, numa idade em que estes já pouco ou nada podem fazer.

Numa sociedade democrática, o sistema de ensino é fundamental na preparação da criança, do jovem, do adulto, do idoso e da comunidade no seu todo. Um ensino que proporcione a todos as mesmas oportunidades de aquisição de conhecimentos e preparação responsável para a vida numa sociedade livre, pacífica e justa, onde as discriminações negativas, o abuso do poder, a invasão e apropriação da propriedade privada alheia e outras prepotências sejam radicalmente banidas.

A sociedade democrática deve investir, fortemente, na educação, na formação, num sistema de ensino integrado e livre, com matérias e programas pluralistas, que contemplem uma visão democrática do mundo, em que as diversas perspectivas possam ser, responsabilmente, criticadas, fundamentadamente, aceites ou excluídas.

Na verdade:

Não há sociedade democrática e pluralista em que o sistema de ensino não seja também democrático e pluralista; para isso, além da garantia de real liberdade de actuação de professores e alunos, da igualdade de oportunidades de acesso ao ensino e do seu conteúdo efectivamente libertador e pluralista, importa reconhecer e assegurar a todos o direito de receberem uma educação adequada às exigências do bem-comum e ao desenvolvimento integral de cada pessoa (ARAÚJO, s.d. p. 113).

## **2. DEMOCRATIZAR A POLÍTICA PARA A CIDADANIA UNIVERSAL**

As situações de conflito que ocorrem um pouco por todo o mundo, umas mais graves do que outras, não são um produto exclusivo do tempo actual. Sempre houve ao longo da história da humanidade acontecimentos violentos, que conduziram à morte milhares de pessoas.

Obviamente que não se incluem aqui as ocorrências naturais, também elas mortíferas: sismos, vulcões, tempestades, fenómenos imprevisíveis, que a ciência e a tecnologia ainda não resolveram definitivamente. O incompreensível reside na incapacidade racional do homem, para criar e consolidar as condições favoráveis à pacificação do mundo.

Por isso é essencial a aceitação de um novo conceito de cidadania, mais abrangente, mais democrático, tendencialmente, uma cidadania universal. Para que tal venha a ser possível, é necessário também que a democracia seja interiorizada e praticada, livremente, pelos cidadãos de todo o mundo, o que implica uma dupla interpretação conceptual deste valor político-social, considerando-se, que:

A literatura sobre o conceito de democracia apresenta, de uma maneira geral, duas vertentes. De um lado, uma linha de pensamento que concebe a democracia, em uma perspectiva instrumental, como um método eficiente de adopção de decisões, capaz de proteger a liberdade individual dos cidadãos. De outro, uma visão substantiva da democracia, baseada em um ideal normativo, valioso em si mesmo, porque vai além de um simples processo instrumental de tomada de decisões. Esta vertente constitui a premissa fundamental da democracia participativa, na qual os cidadãos se colocam como actores responsáveis nas políticas públicas e, conseqüentemente, próximas do poder público.” (BENEVIDES; AVRITZER, citados por MIOTTO, 2006, p. 65).

Democratizar a política para uma cidadania universal, é uma tarefa que responsabiliza os cidadãos em geral e os políticos em particular. Aceite, institucionalizada e implementada a cidadania universal, entre todas as nações, congregadas na ONU – Organização das Nações Unidas, acredita-se que no decorrer do presente século, seja possível atenuar muitos conflitos, eliminar outros e pacificar um pouco mais o mundo.

A tarefa é tanto mais difícil quanto maiores forem os interesses hegemônicos da economia e dos recursos naturais mundiais e, nestas circunstâncias, as possibilidades de consensos e celebração de acordos são igualmente difíceis, complexas e imprevisíveis e também enquanto os actuais dirigentes mundiais não facultarem os meios para uma educação-formação que aponte para este objectivo universal: pacificar o mundo.

Por mais estratégias, metodologias, técnicas e recursos que se utilizem, a educação-formação de novas gerações, sensibilizadas para modernas práticas de convivência pacífica e para os valores do humanismo e da afectividade, é o caminho que se apresenta como o mais adequado para se atingirem os objectivos da pacificação do Mundo, porque, de contrário, os problemas, os conflitos, as situações degradantes jamais se resolverão.

A escola, logo nos primeiros anos de vida da pessoa, deverá ter um papel interventivo primordial, no sentido de formar a consciência destes novos cidadãos, que terão por missão suprema e altruísta, a pacificação do mundo, porque:

Diante deste quadro, a escola, especialmente do ensino fundamental e médio se apresenta como a instituição carregada e única capaz de dar um encaminhamento a este verdadeiro drama humano que a sociedade contemporânea vive, e que se manifesta através da proliferação da violência, do alcoolismo, do consumo de drogas, das doenças endémicas e atípicas, dos acidentes mutilantes e responsáveis por mortes prematuras e desnecessárias, do desemprego, da corrupção, fome, miséria e tantos outros males que, num crescimento desenfreado ameaça a própria estabilidade do estado, democrático ou autoritário (COLETA, 2005, p. 19).

As gerações que, actualmente, ainda se encontram na sua fase de vida de crianças, devem ser, de imediato, preparadas para um futuro que elas próprias vão usufruir e, simultaneamente, todas as restantes pessoas, incluindo aquelas que já se aproximam do fim do seu percurso biológico normal.

Na família, na Igreja, na escola, na empresa, na comunidade, na sociedade mais alargada, no país, enfim, em todos os locais e circunstâncias em que se encontre uma pessoa, deve-se intervir, porque cada dia que passa, neste pré-caos humano, poderá

representar anos na recuperação das pessoas e do mundo. Impõe-se uma pedagogia para a paz, se possível já, para hoje, porque amanhã poderá ser demasiado tarde. Uma pedagogia para democratizar a política, os políticos, os educadores e a humanidade em geral. Uma pedagogia que ensine toda a pessoa, qualquer que seja o seu estatuto ou condição, como pode e deve participar nas soluções dos problemas, porque:

Todos os homens ao longo da sua existência, terão de resolver problemas que lhes serão apresentados, semelhantes aos de ontem ou marcados pela mudança; (...) Isso leva a considerar as questões ligadas ao cuidado com a educação de todos e de cada um... (BONBOIR, 1977, p. 189).

Igualmente, uma filosofia para analisar, reflexivamente, a situação em que o mundo se encontra, que aponte caminhos possíveis para rumos compatíveis com a dignidade humana. As disciplinas da área das ciências sociais e humanas têm um grande contributo a dar para a pacificação da humanidade e a Filosofia não pode ser excluída deste projecto, aliás, sem ela e seus ramos específicos, muito dificilmente se atingirão resultados que atenuem o sofrimento em que a humanidade vive neste início de século.

Uma parceria entre Ciência, Técnica, Filosofia, Pedagogia, Antropologia, Ética e Axiologia, enfim com as Ciências Sociais e Humanas, pode fazer parte da fórmula que conduza aos primeiros e bons resultados do processo de pacificação:

Sem dúvida, a filosofia tem uma importante tarefa epistemológica, mas ela não pode ser desenvolvida sem a referência a uma antropologia fundante bem como a uma axiologia geral. A questão do agir humano, tanto no plano ético como no plano político, não pode ser posta de lado numa reflexão filosófica sistematizada. E o pedagógico, como contexto da existência humana, constitui a mediação articuladora do ético com o político (SEVERINO, 1997, p. 242).

### **3. MELHORAR AS RELAÇÕES HUMANAS PARA A RECONCILIAÇÃO**

O deficiente relacionamento entre pessoas é, praticamente, um dado adquirido, que dispensa a exigência da validação científica. As pessoas, independentemente das respectivas actividades, graus de parentesco, laços de amizade, interdependência entre elas, valores, princípios e objectivos que norteiam as suas vidas, têm dificuldade em se relacionar numa base de igualdade, lealdade, solidariedade, verdade e reciprocidade.

Os conflitos pessoais, institucionais e internacionais, nascem, quase sempre, de posições assumidas por uma das partes, que não agradam à outra, a qual, por sua vez, muitas vezes, responde em tom ainda mais radical, em vez de abordarem a questão numa perspectiva transparente, conciliadora, respeitosa, compreensiva e tolerante.

Por outro lado, a atitude reconciliadora, depois de o conflito ter surgido, é, igualmente, desconsiderada pelas partes, quando em boa verdade, uma reconciliação feita à luz dos sentimentos de generosidade, de abnegação e espírito doador, seria um processo redentor e de pacificação amigável, entre pessoas, instituições e nações desavindas. Pacificar as pessoas pressupõe que: "Amemos a verdade e faremos a paz dinâmica e construtiva pela reconciliação (...). Fomentar ódios e rancores, impor aos adversários a humilhação e a injustiça, é destruir o futuro..." (ARAÚJO, s.d., p.310).

Educar e formar os cidadãos, qualquer que seja a idade e estatuto, para desenvolverem hábitos de relações humanas sadias, sinceras e leais, é uma tarefa que se impõe lançar nas famílias, nas escolas, nas Igrejas, nas demais instituições, nas associações e empresas, em todas as comunidades e na sociedade global em geral, porque qualquer processo que vise reconciliar pessoas, instituições e nações, só poderá concluir-se com êxito, se os intervenientes souberem relacionar-se de igual para igual.

Quaisquer que sejam as técnicas para a comunicação e relacionamento interpessoal, elas serão ineficazes se as relações humanas, antes de todas as outras: profissionais, comerciais, políticas, etc., não assentarem em princípios de transparência, de verdade e de respeito pelo outro.

Atitudes de autoestima, de escuta activa, de concentração nas mensagens, de contacto directo, de eliminação de preconceitos e juízos de valor, beneficiam o acto comunicativo e, principalmente, criam um sentimento de empatia pelo interlocutor, de tal forma que qualquer das partes se: "esforce por se colocar na posição do seu interlocutor a fim de conseguir situar as informações que lhe estão a ser transmitidas em relação ao seu ponto de vista" (DIOGO, 2004, p. 14).

O relacionamento humano, ao nível da comunicação, é essencial hoje em dia, sejam quais forem os objectivos a atingir, na medida em que constitui um dos principais instrumentos que o ser humano sabe utilizar e dominar, para o bem e para o mal, com grande competência e, por isso, se torna absurdo não potencializar a capacidade comunicativa para a resolução dos problemas, dos conflitos, das boas relações, enfim, para a pacificação do mundo, aliás, o desentendimento existente entre indivíduos da mesma espécie, revela, essencialmente, uma postura preocupante – a humanidade não se concilia porque não quer aprender a conciliar-se e, quando aprende, não quer utilizar os conhecimentos e as boas práticas, entretanto, adquiridos.



A questão que se coloca prende-se com o futuro, na perspectiva dos legítimos interesses das novas gerações, isto é, até que ponto os actuais dirigentes, quaisquer que sejam os seus papéis, têm o direito de prejudicar as desejáveis boas relações das gerações vindouras? Até que ponto não é dever destes mesmos dirigentes preparar um mundo pacífico, para as próximas gerações?

Os conflitos continuam: a nível local, regional, nacional e mundial. E se é verdade que: uns se resolveram; também é certo que outros continuam, há décadas, por solucionar; outros, ainda, são alimentados, indefinidamente, sem fim à vista; alguns outros, mais recentes, criados de novo, aparentemente, sem se terem esgotado todas as alternativas civilizadas e democráticas, pesem, embora, o longo tempo decorrido e as alegadas situações para o efeito invocadas.

Pacificar a humanidade, quando alguns poderosos tudo fazem para lançar e depois manter conflitos, alegadamente para livrar o mundo de ditadores, de presumíveis armas, de situações de violência internacionalizada, como o terrorismo, a guerrilha, do narcotráfico e outros males, que a todos atormentam, não parece ser a solução que convém para um mundo que se pretende civilizado, humanizado, solidário. Primeiro o Diálogo até se esgotarem todas as possibilidades de sucesso, depois os recursos mais drásticos, como as sanções administrativas, os embargos, etc. Já bastam as situações naturais que, por vezes, originam conflitos sociais.

A ausência de diálogo e a presença das armas, de facto, parece não estar a dar resultado em diversos países, e as consequências são os milhões de vítimas inocentes que, certamente, não desejam o conflito armado:

Todavia, parece que a melhor maneira de reconhecer os conflitos e de dar vazão a eles não é a força, a guerra, mas, sim, o diálogo e a política. É justamente por intermédio do espaço público, democrático e do debate exaustivo e participativo, do embate de ideias, que talvez possamos sonhar com uma sociedade mais humana (GRACIOSO, 2006, p. 53).

#### **4. VALORES RELIGIOSOS: FUNDAMENTOS UNIVERSAIS PARA A PACIFICAÇÃO**

Acredita-se que a esmagadora maioria da humanidade é constituída por pessoas crentes, tementes e religiosas, qualquer que seja a religião interiorizada e praticada. O ser humano, na sua fragilidade e limitações, não tem, ainda, respostas para as questões essenciais e justificativas do acontecer bio-espiritual que lhe é intrínseco.

Biologicamente é um ser finito, cuja vida existencial terrena é incapaz de delimitar no tempo, e até no espaço; espiritualmente, a sua ignorância e preconceito não permitem explicações convincentes

e, cientificamente verificáveis.

A agravar toda esta situação de insegurança, insuficiência e desconhecimento está o fim-último de cada indivíduo, porque continua a desconhecer-se a origem imaterial do homem, e o seu fim é, igualmente, uma incógnita.

A ignorância de como, quando, onde, porquê e para quê deste mesmo fim-último, e o "para onde vamos", é dramática, porque até o momento a ciência, a técnica e todo o instrumental tecnológico, foram incapazes de explicar e provar o que quer que seja neste domínio, por enquanto insondável, algo misterioso, do homem espiritual.

Impossibilitado de vencer o drama pelos recursos materiais de que dispõe, o homem crente volta-se, esperançadamente, para os valores religiosos, nos quais busca a explicação para as situações que desconhece e o atormentam e também para encontrar as soluções para os conflitos que ele próprio cria, alimenta, mas nem sempre sabe e/ou quer resolver.

O grande conflito, porém, continua entre a vida e a morte, porque nascer, viver e morrer é o percurso natural de todo o ser humano, tal como outros seres animais. O homem crente acredita em certos valores religiosos, de entre os quais, muitos creem numa nova vida, renascendo depois da morte física.

O acontecimento inevitável é, efectivamente, a morte biológica, o desaparecimento do corpo físico e este, tanto quanto é dado saber, não renascerá (exceptuando-se, para os crentes, os milagres da ressurreição, como por exemplo, a passagem bíblica de Lázaro).

O "valor" ressurreição para os crentes, independentemente do que ressuscita: corpo, identidade ou qualquer outro elemento constituinte da existência humana, alimenta a fé num mundo melhor, num mundo pacífico, do qual o mal tenha sido erradicado.

Durante a vida material o ser humano conduz-se segundo regras, usos, costumes, tradições, leis, através de um longo processo de aprendizagem, nunca concluída, vulgarmente denominada por socialização. A vida existencial terrena é programada em função de valores, princípios, interesses e objectivos a atingir.

A luta de cada indivíduo, de cada grupo e de cada nação, para alcançar os resultados previamente esperados, por vezes é cruel, violenta, absurda e desumana. Os conflitos proliferam e poucos são resolvidos com dignidade para as partes conflitantes. Situações de autênticas guerras sanguinárias ocorreram em pleno século XX e passaram, sem soluções à vista, para estes novos século e milénio. O fim, deploravelmente, não estará no horizonte temporal.

E quanto à morte? O que se sabe para lá da morte física? E quanto à morte intelectual? Como se processa e caracteriza? E haverá morte espiritual? Mas o que é o espírito: Alma? Consciência? Intelecto? Que tipo de sofrimento a morte espiritual envolve?

E pode-se morrer de forma diferente da habitual, por exemplo, para um determinado projecto e renascer para outro? Se a resposta for afirmativa, então é possível morrer várias vezes e renascer outras tantas, porque:

Talvez nossa morte ocorra a cada busca que chega a um termo, a cada avanço e a cada recuo, a cada vivência; talvez morrendo aqui e ali, algumas pessoas consigam seguir vivas. (...) Morrer pode trazer grande bem à vida da pessoa; em muitos casos, pode ser uma recomendação médica, filosófico-clínica (PACKER, 2007, p. 78-79).

O problema da morte não está esclarecido no que à dimensão imaterial, espiritual ou de consciência respeita, restando, portanto, sem prejuízo para os não-crentes de pensarem conforme entenderem, a fé num Mundo Melhor, o tal mundo pacífico para as gerações vindouras, já que para as gerações que se aproximam do limite biológico, o fim-último vai continuar uma incógnita, um mistério que Alguém guarda para sempre.

## **5. RELIGIÃO: UMA ALTERNATIVA A CONSIDERAR**

Nem só de ciência, de técnica e de recursos materiais vive o homem. Para além daquelas capacidades e possibilidades, existe mais vida, mais mundo, mais alternativas que podem contribuir para o bem-estar da humanidade em geral e de cada pessoa em particular. Ignorar, por preconceito, por descrença, por agnosticismo, ou por quaisquer outras razões, a dimensão religiosa do homem é dificultar o processo para a pacificação, mesmo para aqueles que argumentam que a religião também está na origem de muitos conflitos.

Ao invocar-se a dimensão religiosa da pessoa humana, pretende-se sensibilizar cada um e todos, para a doutrina social das diversas religiões, excluindo-se, portanto, os fundamentalismos dogmáticos, os radicalismos mais sectários e as posições exacerbadas, aliás, estes excessos de algumas correntes também precisam da ajuda dos moderados, e estes têm o dever, não só de compreender tais posições extremadas como, e principalmente, proporcionar as condições que conduzam ao diálogo, ao bom-senso e à pacificação entre os grupos desavindos.

Pensando, portanto, nos interesses das novas e emergentes gerações, onde se incluem, porventura, os filhos de quem, neste momento, analisa este artigo e reflecte sobre estes temas, urge desencadear acções que conduzam ao objectivo último de, a curto prazo, se vislumbrarem melhorias no inter-relacionamento da humanidade.

A dimensão religiosa do homem crente deve ser colocada

ao serviço da educação e formação destas novas gerações, a começar na família, porque o ser humano tem imensas dimensões, capacidades e possibilidades de as exercer no seio do grupo e da sociedade, desejavelmente, no sentido do bem comum.

A educação religiosa é, por tudo isto, essencial na construção de pessoas que se pretendam íntegras, que possuam a liberdade de se autodeterminar, com responsabilidade e generosidade, para com os seus semelhantes.

A preocupação, por uma educação e formação integrais, deve ser uma constante em todos aqueles que, de alguma forma e a um qualquer nível social, têm responsabilidades em preparar o futuro, porque:

Quando educamos os nossos filhos, todos pretendemos fazê-los partilhar das nossas mais profundas convicções e enriquecê-los com o que nos parece mais válido. Cada um, segundo a sua própria escala de valores, dar-lhes-á, antes de mais, com prioridade absoluta, o que lhe parece importante. (...). Quando os pais são crentes, a sua fé em Deus é, certamente, desta ordem; eles têm, se são coerentes com as suas convicções, uma outra dimensão, uma outra óptica dos acontecimentos que os rodeiam. Pensamos que é importante fazê-la partilhar pelos nossos filhos desde a sua infância e falar-lhes muito cedo de Deus (D'ARNUY, 1977, p. 172).

O mundo, cada vez mais profanizado, precisa de Deus; os homens não podem viver e não conseguem resolver todos os problemas à margem da Bondade e Sabedoria Divinas; a humanidade será reduzida à sua mais brutal animalidade se continuar a rejeitar Deus. O caminho seguro, que poderá conduzir à pacificação do mundo, tem de passar por Deus e muitos seres humanos sabem que não há outra alternativa.

Excluir Deus do processo de pacificação é prosseguir o caminho para a destruição total da humanidade. Não se pretende, nem seria compatível com a natureza pró-científica deste trabalho, profetizar o apocalipse, ou uma escatologia do Juízo Final condenatório de toda a humanidade. O que se pretende desmontar, pela observação-participante, é a condição frágil, insegura e indefinida do ser humano.

A demonstração da necessidade de Deus na formação da pessoa humana, igualmente se comprova, sem dificuldades nem argumentos científicos, porque a humanidade, na sua esmagadora maioria, busca Deus e n'Ele a solução para todos os problemas que a ciência e a técnica não resolvem.

A educação e a formação religiosas são um argumento poderosíssimo, para que os sistemas educativos integrem nos seus cursos, currículos e conteúdos programáticos, os valores religiosos,

aceitando que:

Os ensinamentos de uma religião devem influir na personalidade e na conduta diária do crente. Assim, a conduta de cada pessoa, normalmente, será um reflexo, num maior ou menor grau, de formação religiosa dessa pessoa (SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 1990, p. 12).

Acontecimentos que comprovam, inequivocamente, a importância da religião para se alcançar a pacificação, surgem, frequentemente: a preocupação dos mais altos dignitários das religiões majoritárias, em estabelecerem o diálogo ecumênico inter-religioso; as grandes reuniões da juventude, por iniciativa pontifícia que, regularmente, ocorrem em locais diferentes da terra; as peregrinações de milhões de crentes, todos os anos, aos santuários e outros locais sagrados; o crescente número de peregrinos que, mundialmente percorrem os caminhos da Fé; a intervenção das Igrejas nos domínios sociais, assistência humanitária e moderadora de conflitos.

No contexto da pacificação da humanidade, o papel da religião e das boas relações humanas, a todos os níveis, são fundamentais, não se excluindo os conhecimentos que a ciência pode proporcionar e o recurso à técnica e seus instrumentos, no que se refere a melhorar as condições de vida das comunidades, nas quais a origem dos conflitos se localiza em determinadas insuficiências e/ou carências de ordem social/material: saúde, educação, trabalho, habitação, segurança social e uma velhice tranquila.

Toda esta complexidade levanta, porém, algumas interrogações que se deixam para reflexão: Ciência, Técnica e Religião são incompatíveis? A pacificação da humanidade pode dispensar alguma daquelas, entre outras, dimensões do homem? E, afinal, as disciplinas sociais e humanas, bem como os domínios ditos não científicos, qual o estatuto que lhes será reconhecido? A interdisciplinaridade será possível, desejável, útil ou cada ciência vai manter-se na sua redoma?

## **6. PEDAGOGIA OPTIMISTA: COMPETÊNCIA E PRUDÊNCIA**

Se a felicidade da humanidade tiver de incorporar no seu conceito, situações materiais, como o bem-estar geral, este, por sua vez, entendido como a satisfação das carências que constituem exigências de uma vida moderna de conforto, a todos os níveis, então é necessária uma preparação para o trabalho, para a poupança, para o investimento permanente na formação, com vista a melhorar o nível e a qualidade de vida.

Todos têm de ser competentes nos diversos papéis que

desempenham: sociais, familiares, profissionais, culturais, ou seja, qualquer intervenção e/ou actividade tem de ser exercida com o máximo das competências pessoais, designadamente, ao nível de: conhecimentos, informação/preparação técnico-operacional, intelectual, emocional, espiritual, física, competências de vida, ao nível das experiências, justamente porque:

(...) a valorização da competência constitui uma importante mudança de paradigma, com relação a conceitos e valores, que terá grande influência nos destinos das organizações, nas carreiras das pessoas e em evoluções na sociedade. (...). A competência será mais prestigiada do que a erudição. A competência será o atributo mais importante das pessoas (RESENDE, 2000, p. 7).

O caminho para a pacificação da humanidade deve ser percorrido com competência, seja nas relações interpessoais, na celebração dos acordos a que se chegar, na implementação das medidas consensualizadas e na avaliação dos resultados dos projectos de pacificação.

Os intervenientes devem estar de espírito aberto, accionar os mecanismos de empatia sincera, serem competentes na realização das tarefas, por mais simples e, aparentemente, menos importantes, que possam parecer, manifestarem-se verdadeira e moderadamente optimistas.

Trata-se de, competentemente, desenvolverem uma pedagogia optimista. Todo o cidadão será, simultaneamente: aluno e professor; aprendiz e artista; formando e formador; logo, comportar-se-á em função e coerência com o papel que, em cada momento, desempenha, tendo sempre presente, que: "A linha mestra de desenvolvimento da pedagogia do futuro é a consideração criadora do estado psicológico dos alunos – e não só de um grupo em geral ..." (CHATALOV, 1988, p.162).

Uma pedagogia mista – cognitiva, optimista, não cognitiva -, assente na Fé, onde a teoria, a prática e o optimismo sejam os principais eixos, que contribuam para uma formação sólida dos alunos, dos formandos, entendidos nos dois sentidos: ora aprendendo, ora ensinando, auxiliará na busca de soluções para uma humanidade menos conflituosa.

O século XXI não pode caracterizar-se pela violência, pelo desrespeito pelos mais elementares direitos humanos, pela impunidade de uns e perseguição de outros. O século deve passar à história da humanidade pelos valores mais humanos, altruístas e de ordem religiosa, porque: quer se queira ou não, o homem não é só um animal político; o homem é, também, um indivíduo religioso, "criado à imagem e semelhança de Deus", o que, dentro de uma certa coerência: ele é um ser potencialmente religioso.

O processo de pacificação do mundo terá êxito, a partir

do momento em que o homem convidar Deus para moderar os conflitos. É preciso acreditar que Deus existe, que Ele é fonte de vida e de salvação, que Ele deu ao homem o que tem de mais importante, porque:

Deus é espírito e, por isso, Ele nos deu um espírito. Deus é eterno e Ele nos deu um espírito imortal. Deus é sabedoria infinita e perfeita, e Ele dotou-nos de inteligência, poder de decisão e escolha; concedeu-nos o livre-arbítrio; além disso deu-nos um corpo e, a este corpo, o poder de procriar (CASTRO, 1997, p. 17).

A complexidade humana comporta em si aspectos que, praticamente, continuam cientificamente desconhecidos. As milenares interrogações que a Filosofia vem colocando ao longo dos últimos vinte e cinco séculos, continuam sem respostas científicas, objectivas, verificáveis. Os demais domínios do conhecimento, também não apresentam soluções credíveis para resolver os problemas que resultam daquela complexidade e, em “desespero de causa”, o homem volta-se para o sobrenatural, envergonhada e preconceituosamente, evita proferir o nome de Deus.

Mas não haverá muitos mais caminhos para desanuviar as tensões que a complexidade humana vem gerando ao longo do tempo, e o preconceito contra Deus não faz sentido, bem pelo contrário, assumir Deus como garantia do equilíbrio, da concórdia e da imortalidade do próprio homem pelo seu espírito, será a atitude sensata, coerente e prudente.

Na qualidade de cidadão, cada pessoa é responsável, parcial ou totalmente, do que vai acontecendo no seu círculo de influência, na medida em que tem o dever de colaborar, por palavras e actos, na construção desse círculo, de tal forma que todos os que nele se encontram se sintam bem.

Com esta estratégia, pode-se partir do círculo mais restrito que se circunscreve ao próprio indivíduo e depois se interpenetra com o da família, este com a vizinhança, a comunidade, a localidade, o país e o mundo, formando-se assim um imenso conjunto de círculos, em que uns se vão interpenetrando com outros, estes com outros tantos e assim sucessivamente.

Esta simples teoria dos “círculos interpenetrantes” tem a vantagem de facilitar a transferência de valores, princípios, normas, culturas e boas práticas, de uns para outros, podendo, inclusivamente, haver valores que acabam por estar em todos os círculos, como: paz, justiça e Deus.

Se cada indivíduo construir coerentemente o seu próprio círculo, ou a sua auréola de bem-estar, de valores, princípios e boas práticas, certamente que os círculos que com ele se interpenetram vão beneficiar nestas características. A sabedoria e a prudência, alicerçadas na fé em Deus, seguramente são a chave para muitos

conflitos, os quais podem ser resolvidos com aquelas virtudes – sabedoria e prudência –, mantendo-se a fé inabalável em Deus e na Sua misericórdia, generosidade e compreensão.

O cultivo das virtudes é, afinal, o caminho certo para a pacificação do mundo, conforme o raciocínio actual, na medida em que:

A virtude é uma cadeia de todas as perfeições, o centro de toda a felicidade. Torna-o prudente, discreto, perspicaz, sensível, sensato, corajoso, cauteloso, honesto, feliz, louvável, verdadeiro, (...) um herói universal. Três esses nos tornam bem-aventurados: sábio, sadio e santo. A virtude é o sol do Mundo, seu hemisfério é uma boa consciência. É tão encantadora que ganha a graça de Deus e dos homens. (...) Capacidade e grandeza se medem pela virtude, não pela sorte. Só a virtude basta a si mesma. Faz-nos amar os vivos e lembrar os mortos (GRACIÁN, 2006, p. 139).

É certo que as virtudes não são um produto da ciência, nem da técnica, mas fruto de qualidades superiores que o homem vai aperfeiçoando e que se podem invocar na família, na escola, na sociedade, transmitindo-as, praticando-as, exibindo-as com humildade e orgulho.

Nenhuma pessoa verdadeiramente humana deverá ter vergonha, preconceito ou receio de se considerar virtuosa, no sentido do exercício de boas práticas ao serviço da humanidade, porque se todos estão à espera que a ciência e a técnica resolvam todos os problemas, então o mundo continuará conflituoso e esta situação de permanente instabilidade não é própria de seres superiores, criados à imagem e semelhança de Deus.

Justamente e também por esta circunstância, provavelmente única, entre todos os seres conhecidos, de o homem ser um representante de Deus neste mundo, é que as responsabilidades que recaem sobre a humanidade são imensas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É provável que uma parte significativa dos conflitos que chegam aos tribunais ou aos campos de guerra possa ser solucionada através de acordos prévios, consensos e cedências recíprocas, desde que as pessoas estejam preparadas e disponíveis para o exercício de uma nova pedagogia (não cognitiva) e de uma nova justiça (não punitiva), justamente através de um relacionamento leal, responsabilmente crítico e generosamente tolerante.

Reconhecendo-se a autoinsuficiência para solucionar as situações conflituosas, ou para contribuir para um mundo mais pacífico, tal circunstância não invalida, pelo contrário, estimula para o dever de dar um singelo contributo para a minimização de



tão grave problema e, nesse sentido, se aponta e defende uma estratégia assente na educação-formação das pessoas, do berço ao túmulo, isto é, ao longo de toda a vida.

Democratizar a política para uma cidadania universal, é uma tarefa que responsabiliza os cidadãos em geral e os políticos em particular. Aceite, institucionalizada e implementada a cidadania universal, entre todas as nações, congregadas na ONU – Organização das Nações Unidas, acredita-se que no decorrer do presente século, seja possível atenuar muitos conflitos, eliminar outros e pacificar um pouco mais o mundo.

Educar e formar os cidadãos, qualquer que seja a idade e estatuto, para desenvolverem hábitos de relações humanas sadias, sinceras e leais, é uma tarefa que se impõe lançar nas famílias, nas escolas, nas Igrejas, nas demais instituições, nas associações e empresas, em todas as comunidades e na sociedade global em geral, porque qualquer processo que vise reconciliar pessoas, instituições e nações, só poderá concluir-se com êxito, se os intervenientes souberem relacionar-se de igual para igual.

Quaisquer que sejam as técnicas, para a comunicação e relacionamento interpessoal, elas serão ineficazes se as relações humanas, antes de todas as outras: profissionais, comerciais, políticas, etc., não assentarem em princípios de transparência, de verdade e de respeito pelo outro.

Impossibilitado de vencer o drama pelos recursos materiais de que dispõe, o homem crente volta-se, esperançosamente, para os valores religiosos, nos quais busca a explicação para as situações que desconhece e o atormentam e também para encontrar as soluções para os conflitos que ele próprio cria, alimenta, mas nem sempre sabe e/ou quer resolver.

O grande conflito, porém, continua entre a vida e a morte, porque nascer, viver e morrer é o percurso natural de todo o ser humano, tal como outros seres animais. O homem crente acredita em certos valores religiosos, de entre os quais, muitos creem numa nova vida, renascendo depois da morte física.

A educação religiosa é, por tudo isto, essencial na construção de pessoas que se pretendam íntegras, que possuam a liberdade de se autodeterminar, com responsabilidade e generosidade, para com os seus semelhantes.

A preocupação, por uma educação e formação integrais, deve ser uma constante em todos aqueles que, de alguma forma e a um qualquer nível social, têm responsabilidades em preparar o futuro

O mundo, cada vez mais profanizado, precisa de Deus; os homens não podem viver e não conseguem resolver todos os problemas à margem da Bondade e Sabedoria Divinas; a humanidade será reduzida à sua mais brutal animalidade se continuar a rejeitar Deus.

O caminho seguro, que poderá conduzir à pacificação do mundo,

tem de passar por Deus e muitos seres humanos sabem que não há outra alternativa. Excluir Deus do processo de pacificação é prosseguir o caminho para a destruição total da humanidade.

O caminho para a pacificação da humanidade deve ser percorrido com competência, seja nas relações interpessoais, na celebração dos acordos a que se chegar, na implementação das medidas consensualizadas e na avaliação dos resultados dos projectos de pacificação.

Os intervenientes devem estar de espírito aberto, accionar os mecanismos de empatia sincera, serem competentes na realização das tarefas, por mais simples e, aparentemente, menos importantes, que possam parecer, manifestarem-se verdadeira e moderadamente optimistas.

Uma pedagogia mista – cognitiva, optimista, não cognitiva -, assente na Fé, onde a teoria, a prática e o optimismo sejam os principais eixos, que contribuam para uma formação sólida dos alunos, dos formandos, entendidos nos dois sentidos: ora aprendendo, ora ensinando, auxiliará na busca de soluções para uma humanidade menos conflituosa.

Se cada indivíduo construir coerentemente o seu próprio círculo, ou a sua auréola de bem-estar, de valores, princípios e boas práticas, certamente que os círculos que com ele se interpenetram vão beneficiar nestas características.

A sabedoria e a prudência, alicerçadas na fé em Deus, seguramente são a chave para muitos conflitos, os quais podem ser resolvidos com aquelas virtudes – sabedoria e prudência –, mantendo-se a fé inabalável em Deus e na Sua misericórdia, generosidade e compreensão.

---

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Miguel. (Dir. /Coord.). (1974). **DICIONÁRIO POLÍTICO: Os Bispos e a Revolução de Abril**. Lisboa: Ispagal.

BÁRTOLO, Diamantino Lourenço Rodrigues de, (2002) Silvestre Pinheiro Ferreira: **Paladino dos Direitos Humanos no Espaço Luso-Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

BÁRTOLO, Diamantino Lourenço Rodrigues de, (2010). **Educação para a Cidadania Luso-Brasileira: Um Projecto de Formação ao Longo da Vida**. Tese de Doutoramento. FATECBA – Faculdade Teológica e Cultural da Bahía – Brasil.

BONBOIR, Anna, (Dir.). (1977). **Uma Pedagogia para Amanhã**. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix.

CASTRO, Maisa. (1997). **Necessário vos é nascer de novo**. 10. ed. Campinas/SP: Raboni Editora, Ltda.

CHATALOV, Victor. (1988). **Pedagogia Optimista**. Trad. K. Asriants. Moscovo: Edições Progresso.

COLETA, António Carlos Dela, (2005). **Primeira Cartilha de Neurofisiologia Cerebral e Endócrina**, Especialmente para Professores e Pais de Alunos de Escolas do Ensino Fundamental e Médio, Rio Claro, SP – Brasil: Graff Set., Gráfica e Editora.

D'ARNUY, Jo, (1977). **Nós e os Nossos Filhos**. Trad. António Agostinho Torres. Porto: Editorial Perpétuo Socorro.

DIOGO, Rita (2004). **Relações Humanas**. Lisboa: IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional.

GRACIÁN, Baltasar. (2006). **A Arte da Prudência**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret.

GRACIOSO, José (2006). A Vida em Sociedade e os Conflitos Humanos. In: **Filosofia. Ciência & Vida**. São Paulo: Escala. Ano I, (1).

MIOTTO, Luciana Bernardo, et. al. (2006). Qualidade da Democracia: Comunicação, Política e Representatividade. In: **Comunicação, Cultura & Cidadania**. v. 1, n. 2. Jul-Dez. 2006. p. 63-77.

BENEVIDES, M.V.M. (1991). A Cidadania Activa: referendo, plebiscito e iniciativa popular. São Paulo: Ática e AVRITZER, L. (Coord.). (1994) **Sociedade civil e democracia**. Belo Horizonte: Del Rey.

PACKTER, Lúcio. (2007). "Morrer para Renascer." In: **Filosofia. Ciência & Vida**. São Paulo: Escala. Ano I, (6).

RESENDE, Enio, (2000). **O Livro das Competências**. Desenvolvimento das Competências: A melhor Auto-Ajuda para Pessoas, Organizações e Sociedade. Rio de Janeiro: Qualitymark.

SEVERINO, António Joaquim, (1999). **A Filosofia Contemporânea do Brasil**. Petrópolis RJ: Vozes.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, (1990). **O Homem em busca de Deus**, Edição Brasileira. São Paulo: Cesário Langue.